

Teresa Ribeiro: Natureza ancestral reinventada

Joaquim Saial - historiador

Depois de Portalegre e Coimbra, Évora é agora palco para a mais recente (e renovada) incursão artística de Teresa Ribeiro, naquilo que podemos apelidar de desafio às fronteiras dos milénios e da imaginação. Esta mostra, ancorada na memória de trabalhos artísticos da pré-história e na ausência deliberada da figura humana, redefine os limites da expressão artística e leva-nos a uma jornada através dos confins do tempo em que a presença de seres inteligentes era escassa e a natureza fluía em todo o seu brilho.

Nesta pitoresca igreja de São Vicente feita galeria de arte, logo desde os primeiros momentos somos transportados para um mundo há muito esquecido, habitado por pássaros e manadas de auroques, cervídeos e equídeos ancestrais e imponentes, numa *féerie* de grande esplendor. No entanto, o que de facto cativa o olhar não são apenas os temas escolhidos, mas sim a forma inovadora como são retratados.

Ao contrário das pinturas rupestres que evocam um tempo distante, Teresa Ribeiro não busca replicar o passado, mas sim reimaginá-lo. As suas telas são um testemunho de uma visão moderna do grafismo e do colorido pré-históricos, onde as cores terras se misturam com azuis e amarelos inesperados, criando uma paleta cromática relativamente parcimoniosa que transcende a imitação e nos leva a um reino de beleza e mistério.

Essa abordagem cromática não é apenas uma questão estética; é uma declaração ousada sobre a natureza da arte e da própria história. Enquanto muitos artistas procuram preservá-la através da nostalgia ou da imitação fiel, a pintora opta por actualizá-la, desafiando-nos a reconsiderar sem mimetismo a nossa compreensão do tempo e da evolução.

A exposição em Évora (distrito de tanta presença de cromeleques, antas e dólmenes) é também testemunho do carácter progressista e moderno da sua obra. Ao seguir as pegadas das citadas exposições anteriores, a artista não apenas demonstra habilidade em evoluir e adaptar-se, mas também a sua disposição em desafiar constantemente as convenções estabelecidas.

É claro que podemos questionar a ausência da figura humana, argumentando que isso limita a capacidade das obras de dialogar de modo pleno com o espectador contemporâneo. No entanto, é precisamente essa ausência que permite que os animais assumam um protagonismo poderoso, convidando-nos a contemplar a natureza na sua forma mais pura e primitiva.

Em última análise, a exposição de Teresa Ribeiro em Évora é muito mais do que uma simples colecção de pinturas; é uma jornada através do tempo e da imaginação, uma celebração das maravilhas e complexidade do mundo natural de antanho. É um lembrete de que, embora possamos estar enraizados no passado, é a nossa capacidade de inovar e evoluir que nos mantém sempre à frente da nossa época.